

Órfãos de UTOPIA

Coleção Filosofia, 50

Ernildo Stein

Órfãos de UTOPIA

A Melancolia da Esquerda

3ª Edição



Editora UNIJUI

Ijuí

2015

© 2015, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 - Ijuí - RS - Brasil -
Fone: (0__55) 3332-0217
Fax: (0__55) 3332-0216
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br
www.twitter.com/editora_unijui

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

S819o Stein, Ernildo.

Órfãos de utopia : a melancolia da esquerda / Ernildo Stein.
– 3. ed. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2015. – 152 p. – (Coleção filosofia ; 50).

ISBN 978-85-419-0156-7

1. Sociologia. 2. Partidos políticos. I. Título. II. Série.

CDU : 329

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Com a coleção *Filosofia* a Editora Unijuí soma-se às iniciativas editoriais que publicam obras que se inscrevem no complexo horizonte das reflexões filosóficas de nossa época. A coleção inicia no ano em que o curso de Filosofia desta universidade comemora 45 anos e visa a dar publicidade a textos que, sob diferentes perspectivas e compreensões, contribuam para estimular e consolidar o atual e relevante interesse por temas e escritas de caráter filosófico.

Conselho Editorial

Aloísio Ruedell – Unijuí
Antônio Sidekum – Faccat
Cecília Pires – Unisinós
Edmilson Alves de Azevedo – UFP
Ernildo Stein – PUC/RS
Hector Benoit – Unicamp
Inácio Helfer – Unisinós
João Carlos Brum Torres – UFRGS
José Oscar de Almeida Marques – Unicamp
Maria Constança Peres Pissara – PUC/SP
Maria das Graças Souza – USP
Miroslav Mílovic – UnB
Noeli Dutra Rossatto – UFSM
Oswaldo Chateaubriand Filho – PUC-Rio
Oswaldo Giacóia Jr. – Unicamp
Odílio Alves de Aguiar – UFC
Paulo Denisar Fraga – Unifal-MG
Renato Janine Ribeiro – USP
Robson Ramos dos Reis – UFSM
Rodrigo Duarte – UFMG
Sérgio Lessa – Ufal
Scarlett Marton – USP
Wolfgang Leo Maar – Ufscar

Comitê Editorial

Paulo Rudi Schneider – Unijuí
Aloísio Ruedell – Unijuí
Vânia Lisa Fischer Cossetin – Unijuí
Joel Corso – Editor-adjunto da Editora Unijuí

*Nem mesmo na grotesca subavaliação
do adversário que está na base de suas provocações,
revela-se quanto o posto desta inteligência
da esquerda radical está perdido.
[...] este radicalismo da esquerda é justamente aquele
a que como tal não mais corresponde ação política alguma.
Ele não se situa à esquerda desta ou daquela orientação,
mas simplesmente, de modo absoluto,
à esquerda do possível enquanto tal.
Estupidez torturada:
esta é a última das bimilenares
metamorfoses da melancolia (Benjamin, 1932).*

Sumário

NOTA PARA A REEDIÇÃO	11
PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO	15
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO	
– O fim das utopias ou Sísifo manda lembranças	23
Os paradigmas filosóficos no limiar de um novo milênio	27
O humano imponderável e a pós-modernidade	43
Utopia e melancolia	57
A elaboração do luto das esquerdas	71
Ideais utópicos e identidade pessoal	85
Órfãos de utopia	95
A ética e o imaginário da revolução	107
PÓS-ESCRITO – Melancolia: aspectos analítico-existenciais	121
ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO	145
SOBRE O AUTOR.....	149

Nota Para a Reedição¹

Em 1994 viajei para a Alemanha a fim de passar um semestre como professor visitante na Universidade de Münster (Renânia do Norte-Westfalia). Nos cursos e conferências abordei temas latino-americanos e usei como texto teórico *Órfãos de utopia* em um seminário. O livro aparecia na sua primeira edição e obtive o Prêmio Açorianos de Literatura, na categoria *Ensaio*, juntamente com o Prêmio Henrique Bertaso como *melhor livro de ciências humanas*. Aproveitei a ocasião para apresentar uma versão traduzida para o alemão, com muitas notas de rodapé e uma adaptação para falar das fantasias latino-americanas de socialismo. Muito se prometia no Brasil com a recente eleição de Fernando Henrique Cardoso como presidente da República.

Sérgio Paulo Rouanet, cônsul geral em Berlim, organizou um grande encontro sobre o nosso continente sulino, perspectivas e tendências. Minha conferência suscitou educada irritação em alguns participantes já por causa do título: *Fim das utopias, esquerda desarmada*. Estavam lá alguns “intelectuais” brasileiros de esquerda que falavam como se não estivessem hospedados nas ruínas do comunismo e abrigados em uma Alemanha reunificada após a queda do muro. Todos estavam impressionados com a herança de uma República Democrática Alemã socialista e os 40 anos da introdução do comunismo, que fora um desastre e

¹ A reedição desta obra, em sua 3ª edição, mantém a escrita referente à época da 1ª edição, em 1993, porém atualizada a grafia para as novas normas ortográficas brasileiras de 2012.

uma terrível experiência de manipulação de toda a população indefesa e fizera dos 16 milhões de pessoas, seres humanos assustados, humilhados e delatores uns dos outros.

Nas horas de descanso entre os debates, Luiz Alberto Muniz Bandeira, que vivera como exilado na Alemanha Oriental durante a ditadura militar, procurou mostrar-me as delícias dos paranoicos déspotas que tinham reinado atrás do muro. Falei com a população, com professores eliminados das universidades socialistas e comprei os quarenta volumes encadernados em azul da obra de Marx por aproximadamente um dólar cada livro. Além disso, certifiquei-me da novilíngua (Orvel) que tinha entrado nos livros de história, literatura e sociologia e nos dicionários de filosofia. Naquela época não se sabia ainda dos 200 quilômetros de arquivos da Stasi (Serviço Secreto), com todas as ignomínias de controle e delação de todos por todos, para produzir a suspeição geral como instrumento de dominação. Estavam lá brasileiros ainda hoje no cenário político, que não viram nada e certamente estavam lá para se informar sobre as mentiras do ocidente capitalista a respeito do socialismo. Não sei o que tinham aprendido para o futuro projeto de poder do *Foro de São Paulo*, mas os debates já mostravam no encontro como a onipotência paranoica não aprende. Só se confirma na perversa obsessão de que um dia o mundo será melhor com a implantação do socialismo em novas condições.

Ao escrever essas linhas introdutórias, trabalho em um clima no qual a certeza da esquerda continua igual. Sob a coordenação do *Foro de São Paulo*, o Brasil e a América Latina se arrastam ao peso do projeto de poder das esquerdas na preparação de uma alternativa para o infame capitalismo.

Como, porém, os povos desses países comandados por déspotas paranoicos reagem? Tudo ainda está em movimento, mas, conforme eu dizia no meu livro, os cacos do socialismo derrotado estão sendo juntados com infâmia e mentira, como eu quase profeticamente previa no começo dos anos 90 do século passado. Grande parte das massas desin-

dividualizadas está realmente ainda pronta para ser vítima da democracia totalitária de déspotas paranoicos que buscam a instalação de seu projeto de poder.

Se, no começo dos anos 90 do século passado a intenção do meu livro era interpretar o que significava para os militantes de regimes totalitários o fim das esperanças, com que haviam sido enganados, e a crueldade dos déspotas, que desenhavam o horizonte enganador da felicidade, o mesmo deve ser lido como meditação sobre o destino com o qual os conspiradores compulsivos querem conduzir os povos dos países latino-americanos. Hoje não se pretende o embate democrático de partidos em busca do bem comum depois dos traumas dos totalitarismos. Por planejados, mas tortuosos caminhos, os povos desprotegidos recebem o apelo das soluções definitivas do ponto de vida histórico, político e social, articulados por ideologias totalitárias, que vêm com uma verdade a que basta aderir para ter o futuro assegurado como realização definitiva.

Qual será o destino dos povos ainda em busca do caminho de bem-estar e felicidade, quando podemos observar em um mundo convulsionado a crise dos valores, o descrédito dos que procuram salvar a liberdade e a transcendência na sua cultura?

Órfãos de utopia é uma meditação sobre o que foram os totalitarismos, mas particularmente o que resultou dos seres humanos que foram suas vítimas. É um livro que está ocupado em apreender o que aconteceu no socialismo, com aqueles que tiveram de suportar os desastres das promessas futuras em suas vidas. Para além das vítimas, o livro procura caminhos de reflexão para os que lutaram por esses ideais utópicos, que tiveram que reconhecer a perda e o desastre de um mundo totalitário, o qual lhes levou as esperanças. É toda a questão da elaboração de luto das esquerdas no fim do socialismo. Vivemos em um mundo ainda cheio de paranoicos com soluções definitivas para o convívio, contanto que os seres humanos se submetam sem perguntar. O que se espera é que sai-

bamos procurar, no debate político e na reflexão filosófica sobre o poder, caminhos talvez não tão claros, mas nos quais todos possam participar da construção de seus ideais e de suas vidas.

Ernilo Stein.

Porto Alegre, 7 de abril de 2015.

Prefácio à Terceira Edição

Lembrando os Órfãos de Utopia

Há 22 anos o professor Ernildo Stein publicou um livro brilhante – uma corajosa abordagem filosófica da crise e da identidade moral do socialismo – cujo conteúdo ainda faz muita falta nos debates que se travam, não somente aqui no Brasil, sobre o esgotamento da ideia socialista plantada pela Revolução de Outubro. A chamada “queda da União Soviética” inicia um período de luto, pessimismo, perplexidade, revisão, não apenas nos que professavam aquele modelo como o ideal possível, mas também nos vários partidos simpatizantes, não comunistas e social-democratas de esquerda, em todo o mundo.

Não faltou, evidentemente, no campo da esquerda, os que simplesmente disseram que já sabiam que isso ia acontecer; e que “tinham razão”, nas críticas que faziam ao modelo da URSS, classificado como socialista-burocrático, moldado a partir da derrota de Trótsky no confronto com Stálin: a degeneração estaria amparada nesta derrota. A crise da própria identidade socialista, que perdura neste século 21, mostra que o assunto é muito mais complexo.

O livro do professor Stein vai fundo e se propõe a discutir com o seu “Órfãos de Utopia” (Ed. da UFRGS, 1993), a crise do ideal emancipatório no “socialismo real”. Ela é analisada como sucedâneo da revolução soviética, não somente a partir da vulgarização das ideias de Marx – por meio do messianismo classista (proletariado como parceiro da História) – mas também a partir dos fundamentos filosóficos que sustentavam a utopia: o seu reflexo na política e os seus efeitos humanos nos indivíduos-militantes destas lutas libertárias.

É óbvio que a contribuição do professor Stein não esgota o assunto nem foi esse o seu objetivo. Os 6 volumes dos “Cadernos do Cárcere”, de Antônio Gramsci, os 12 volumes da poderosa “História do Marxismo” – coleção organizada e dirigida pelo professor Eric Hobsbawm – e o profundo estudo (766 p.) do historiador Geoff Eley, “Forjando a Democracia – a história da esquerda na Europa, 1850-2000”, constituem um poderoso arsenal crítico. São estudos destinados a ajudar na compreensão da crise da “utopia soviética” e também a reconstruir uma nova ideia socialista-democrática já explorada por outros autores marxistas e neo-marxistas, como Ernst Bloch e Herbert Marcuse.

Lembrar o livro do professor Stein no momento em que as ideias de igualdade, solidariedade e dignidade humana estão sendo arquivadas pelas austeridades que transitam no mundo, é importante para lembrar que, aqui mesmo, no Brasil e no Rio Grande do Sul, temos intelectuais de porte – tanto na academia quanto fora dela – que não apenas ousam desvendar a “corrente”, mas também contribuir na reflexão contra a “corrente”, ou seja, lutar contra a “naturalização” das desigualdades e a visão do fim da História.

Creio que a crise do projeto socialista e a vitória do “modo de vida”, no interior do regime do capital, fundada no consumismo predatório e sem freios, na manutenção e aprofundamento das desigualdades, na naturalização das guerras de ocupação (para manter o controle das fontes de energia e demais riquezas naturais), na captura do estado pelo capital financeiro – mediante a especulação com a dívida pública dos países pobres ou menos desenvolvidos – devolve, para quem almeja um mundo mais humano, a questão das utopias.

Agora trata-se de uma utopia mais modesta, mas talvez mais realizável, nas próximas décadas: a utopia democrática, a utopia das promessas das luzes, a utopia dos princípios das Constituições Sociais, que começou lá em 1919, na República de Weimar, adquiriu seu apogeu em países como a Suécia, Dinamarca, Noruega, inspirou revoluções como a cubana, o socialismo democrático do presidente Allende e agora se degrada nas trevas do sacrifício dos mais pobres, com a “austeridade” destes e os festins do cassino financeiro global.

Não foi verdadeira a previsão feita pelos gestores da “guerra fria” de que o mundo iria melhorar com o fim do bloco soviético. Melhorou, talvez, para os mais ricos e para quem aumentou o seu poder econômico e político global, com o enfraquecimento súbito do chamado polo socialista, que foi fundamental para arrancar do capital as concessões obtidas na socialdemocracia europeia. Para o resto dos mortais, ou piorou (como é o caso do continente africano) ou ficou na mesma, com melhorias modestas nas regiões em que se instalaram governos que desafiaram, ainda que de forma tímida, a austeridade exigida pelos credores da dívida pública.

Não foi verdadeira, também, a previsão tanto do “fim da história”, do professor Fukuyama, quanto as previsões dos “mercados perfeitos”, dos liberais tipo Hayek e Friedmann. As utopias de direita, do descarte da política pelo cálculo baseada na técnica econômica como ciência exata e a consolidação da democracia liberal dos privilégios pelo fim da História, estão, também, absolutamente falidas.

É possível ler e reler o livro do professor Stein e marcar divergências com ele. É impossível, porém, deixar de considerá-lo como muito importante para a retomada do pensamento emancipatório, com fundamento na igualdade e na liberdade. O socialismo não se realizou, afirma o professor Stein, “por processos sustentáveis, tanto no estilo de dominação, como na organização da economia.” É pura verdade. Esta formulação é um ponto de partida e um ponto de chegada. Ponto de partida porque, como concreta, pode ser verificada empiricamente e aceita, independentemente de preferências ideológicas; ponto de chegada para o recomeço da propagação de uma ideia socialista com novos fundamentos na Liberdade e na República.

Tarso Genro

Porto Alegre, março de 2015

Prefácio à Segunda Edição

Orfandade e Melancolia da Esquerda

Não havia, certamente, para um esquerdista nada mais provocativo e ultrajante do que chamar de utópico o projeto socialista. Um dos textos mais famosos do marxismo desqualificara como “utópicas” as teorias socialistas de Saint-Simon, Fourier, Owen e outros, por preconizarem a criação da sociedade ideal por meio de métodos não revolucionários. O socialismo marxista reclamava-se de científico e acreditava traduzir leis inexoráveis da História. O fracasso das experiências socialistas do século 20 desvendou o caráter utópico do projeto; aquelas verdades somente existiam na subjetividade dos revolucionários.

No livro *Órfãos de utopia: melancolia da esquerda*, o filósofo Ernildo Stein oferece uma lúcida reflexão sobre aquilo que considera “a maior tragédia do século – o fim do socialismo”. São órfãos de utopia os intelectuais, os teóricos, os revolucionários e toda a gama de homens politizados que “lutavam contra uma determinada situação em nome de um projeto social, político, econômico, cultural novo para a humanidade”. Qual hoje sua atitude ante a perda que os surpreendeu de maneira brutal? A frustração socialista leva alguns à “celebração do liberalismo festivo e quase vingativo”. Não se constroem, substituindo sem maior sofrimento o que perderam por novos valores; reagem “histericamente diante da história, dizendo que foram iludidos, que a obsessividade que existe no finalismo da história lhes foi imposta sem que pudessem se defender”, exaltam-se com coisas que “não são nada mais do que hinos do neoconservadorismo”. São os maníacos.

Entre os desiludidos, no entanto, predomina a melancolia. Não a criadora melancolia política que, oriunda da insatisfação diante de uma determinada ordem estabelecida, conduz aos projetos de sociedade ideais, mas uma melancolia destrutiva e patológica que se expressa nas posturas e poses pós-modernas, na falsa elaboração da perda e na insistência em reaproveitar os cacos da construção desmantelada. Esta melancolia será diagnosticada como depressão pelos especialistas, mas “é manifesto que há na melancolia uma dignidade e um sofrimento do espírito que não podem ser objeto de simples terapias”. Mais: “Não vamos querer reduzir tudo que houve de luta política, social e ideológica no mundo a uma atitude que seria objeto de psicanálise”.

As esquerdas cultivam hoje autoilusões porque têm dificuldades em elaborar o luto pela morte do socialismo. Stein propõe uma elaboração positiva do luto: aceitar que foi uma ilusão e uma fantasia a posse de um projeto absoluto, seguro e infalível, mas não substituir maniacamente esta perda por algo apenas semelhante. Impõe-se uma constatação crucial: o conceito de socialismo é, hoje, operativamente vazio; o termo está vacante; não há modelo de socialismo capaz de funcionar eficientemente, nem agora nem em futuro previsível. A aceitação da pós-modernidade como alternativa significaria apenas “arrebentar todos os ideais” e “assumir a postura da marginalidade”. A saída não está numa simples postura de anticomunismo ou na celebração de um liberal-capitalismo aparentemente triunfante. Nem cabe ignorar os legados do ideal socialista, entre os quais a incorporação de uma possibilidade – mesmo como “simples exercício mental” – de que existe uma mobilidade no capitalismo.

O futuro não acabou. Stein rejeita a noção pós-moderna de uma ausência de futuro e perspectiva. Vivemos a travessia da pós-modernidade – “uma das travessias históricas pelas quais a humanidade às vezes passa”. O grande desafio das esquerdas consiste em se reencontrarem por intermédio de outros ideais, talvez até alguns paralelos. O homem continua a ser a medida de todas as coisas e, por isso, o elemento cen-

tral de toda a sociedade deve ser o humano, não a eficiência de uma determinada forma de produção. Surgirão, certamente, “inovadores de ideias que virão substituir a teimosia e a ignorância que se agarram ao mundo perdido das experiências socialistas” e que procurarão “descobrir formas humanizadas de sociedade em lugar da que é pretendida pelo aparente vencedor da Guerra Fria”. Para Stein, “o que nos comanda é a luta contra as injustiças” e daí virá o “motor de toda a luta social”. Convicto da possibilidade de uma sociedade a caminho da liberdade, Stein rechaça o fim da História de Fukuyama, que implica a afirmação da perenidade da forma atual do capitalismo. Na verdade, a História é um eterno recomeço. Em hora de perplexidade, a reflexão de Stein é uma lufada de otimismo lúcido: “Talvez tenhamos que escutar o longínquo apelo de Sísifo”, que, de resto, “manda lembranças”.

Décio Freitas

Porto Alegre, 1996